

TEORIA E METODOLOGIA DA HISTÓRIA NO BRASIL: ENTREVISTA COM JOSÉ D'ASSUNÇÃO BARROS*

DIOGO DA SILVA ROIZ**

APRESENTAÇÃO

A obra de José D'Assunção Barros vem despertando a atenção do público leitor, especialmente o universitário, com suas discussões, análises e abordagens sobre a metodologia, a teoria e a história da historiografia, inclusive, a brasileira; além de possuir estudos muito interessantes sobre a história da música brasileira. Em sua formação, graduou-se em Música (nos anos 1980) e, depois, em História (nos anos 1990) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com Mestrado (1994) e Doutorado (1999) em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), onde foi orientado pela Prof.^a Dr.^a Vânia Leite Fróes, e estudou o universo dos trovadores portugueses e espanhóis dos séculos XIII e XIV. Foi professor do Conservatório Brasileiro de Música e de algumas universidades públicas e privadas. Atualmente é professor de teoria e metodologia da história na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

A formação diversificada igualmente contribuiu com sua docência e pesquisa, assim como em sua produção, onde se destacam: *O campo da História* (2004); *O projeto de pesquisa em História* (2005); *Cidade e História* (2007) e *A construção social da cor* (2009), todos lançados pela Editora Vozes, e *Raízes da música brasileira* (2011), pela Editora Hucitec. Atualmente está concluindo sua coleção sobre *Teoria da História*, em seis volumes, dos quais os quatro primeiros foram lançados em 2011, também pela Editora Vozes. Além disso, tem publicado um conjunto significativo de textos em revistas especializadas e como capítulo de livros, que perfazem os domínios da teoria, metodologia, história da historiografia, história da arte e do cinema, história medieval e história da música. E foi justamente em meio a esse intenso trabalho que ele gentilmente nos concedeu esta entrevista para falar de sua trajetória, obra e projetos futuros.

Questões

(Diogo da Silva Roiz) 01 – Quando começou seu gosto pela música? Como e quando escolheu fazer o curso?

(José D'Assunção Barros) A Música foi o meu primeiro curso de graduação, mais especificamente em Composição Musical. Só depois de concluir este curso fiz minha segunda graduação em História. Convivo com Música, no ambiente familiar, desde a infância, e aí começou a minha formação nesta área, a partir do estudo de piano e violão.

(DSR) 02 – Como foi fazer o curso de Música? Como foram as aulas e as disciplinas? O que leu, como leu e quais instrumentos musicais você se dedicou a aprender? Você já tinha a predisposição por algum?

(JAB) O curso de Composição apresenta disciplinas diversificadas, da História da Arte e da Música a disciplinas relativas ao estudo de composição musical (orquestração e outras). Estudei dois instrumentos, violão e piano.

(DSR) 03 – Como foi atuar nessa área? Quais experiências que teve?

(JAB) Atuei durante cerca vinte anos como professor de disciplinas diversas da área de Música, nos cursos de graduação do Conservatório Brasileiro de Música, entre 1991 e 2009. Durante a maior parte da minha vida acadêmica, desenvolvi paralelamente atividades nos ensinamentos de Música e História.

(DSR) 04 – Por que decidiu fazer o curso de História? Que tipo de contribuições trouxe para sua formação fazer esse curso?

(JAB) História era um campo de saber que também me interessou desde cedo, assim como Filosofia. Também fui atraído pela Literatura, e antes de ser escritor de ensaios nas áreas de História e Música, fui também escritor de literatura. Em 1987 publiquei um livro de contos intitulado "O Averso do Pau-de-Arara" (Editora Achiamé). Alguns dos contos constituintes deste livro podem ser encontrados hoje na internet.

(DSR) 05 – Como era o curso de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro naquele período? Que discussões eram feitas, quais autores eram lidos e como eram interpretados o(s) marxismo(s), o movimento dos Annales e a historiografia oitocentista?

(JAB) Havia uma grande diversidade de posicionamentos historiográficos entre os professores do curso de Graduação em História da UFRJ, nos anos 90. Desde autores da Nova História, até autores dos novos marxismos eram muito abordados na UFRJ nesta época. Também havia um campo de interesses importante na Historiografia de outros séculos, como o século XIX. Tudo isso foi importante para a minha formação, à qual não faltou diversidade.

(DSR) 06 – Como você apreendeu aqueles debates, que autores e livros leu e como os leu?

(JAB) Li muito os clássicos. Marx, Marc Bloch, Lucien Febvre, Fernando Braudel, chegando a autores mais recentes como Le Goff, Ginzburg, entre outros. Também não faltaram os brasileiros, como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e autores mais recentes como Ciro Flamarion Cardoso. Acho que destes debates diversos aprendi que a história e a historiografia são complexas, e que devemos preservar a liberdade teórica e metodológica, evitando posições dogmatizadas.

(DSR) 07 – De que maneira escolheu seu objeto de pesquisa para fazer o mestrado e como foi o curso? Como foi apreendida a queda do muro de Berlim e o fim da União Soviética e como foi visto o(s) marxismo(s) no curso, com tais reviravoltas e a introdução da ‘Nova História Cultural’?

(JAB) No mestrado, trabalhei com História Medieval – uma área que depois abandonei em favor de outras, como a Teoria da História e a História da Arte. Com relação aos efeitos do fim da Guerra Fria, na verdade iniciei o curso de graduação no ano seguinte a estes acontecimentos. Não foram acontecimentos que me surpreenderam no meio do curso de graduação em História, mas antes deste. O interesse pelo materialismo histórico não declinou no curso de História da UFRJ por causa destes acontecimentos. A Nova História Cultural também se viu bem representada.

(DSR) 08 – Quais as dificuldades que teve na pesquisa? E como foi a defesa do trabalho?

(JAB) No Mestrado, as dificuldades foram relacionadas sobretudo às lacunas de obras teóricas e metodológicas. Hoje em dia há muito mais bibliografia disponível, seja no que se refere a obras traduzidas, como obras de autores brasileiros. Lembro-me que quando fiz Mestrado e Doutorado não existia nenhum livro sobre elaboração de “Projeto de Pesquisa em História” – um livro que abordasse os problemas e dilemas específicos deste campo de saber que é a História. Lembrei-me disto mais tarde, e esta foi a razão de eu ter publicado meu segundo livro, em 2005: “O Projeto de Pesquisa em História”. Até aquele momento, ainda não havia um livro com esta especificidade. Lembro-me que, na época, nós (os alunos de pós-graduação) tínhamos algumas dificuldades em distinguir onde termina a Teoria e onde começa a Metodologia, ou em estabelecer com maior precisão que aspectos situar no “Quadro Teórico” e no capítulo “Metodológico” de um projeto de pesquisa. Por isso, dediquei-me depois a elucidar questões como estas para os pesquisadores que ainda estão no início da caminhada. Acho que tenho sido bem sucedido em não me esquecer que um dia fui um aluno, com muitas hesitações e dúvidas, ávido por livros que falassem de questões simples ou complexas de uma forma mais clara.

(DSR) 09 – Houve alguma mudança sensível nos autores e nos livros que foram lidos em seu doutorado, em função do que foi definido como ‘crise de paradigmas’? Como a ‘Nova História Cultural’ foi recebida em seu programa de pós-graduação? Houve alguma mudança na estrutura curricular e na bibliografia?

(JAB) Eu sou um pouco crítico desta “crise dos paradigmas”, tal como ela é colocada por alguns autores. Os paradigmas ainda existem; e são certamente referências importantes para as identidades dos diversos historiadores, ou ao menos para o seu trabalho efetivo. O que entrou em crise foi a pretensão de resolvermos todos os problemas no interior de uma única corrente teórica, ou de um só paradigma, anulando todas as demais contribuições conceituais e metodológicas. Com relação à pergunta sobre a recepção da Nova História nesta época, posso dizer que, quando fiz Pós-Graduação, na UFF, também existiam professores

com preferências teóricas e metodológicas diversificadas, de modo que, no conjunto, os pós-graduandos em história de minha época puderam ter uma formação diversificada.

(DSR) 10 – Como foi dar continuidade a temática e ter a mesma orientadora no trabalho? Por que continuou estudando os Trovadores? Como abordou o tema? Houve alguma mudança em relação ao mestrado, ou quanto à teoria e metodologia a ser usada na pesquisa?

(JAB) Comecei a estudar os trovadores medievais como uma forma de unir minhas duas áreas de formação: a Música e a História. Trabalhei as potencialidades políticas e sociais destas fontes, para além dos aspectos culturais, especialmente porque examinei as canções satíricas no Mestrado. Depois, quando fiz o Doutorado, acrescentei ao estudo dos trovadores o interesse pelas narrativas produzidas na mesma época, e trabalhei estas duas fontes de maneira complementar. Com relação à pergunta sob a orientação, posso dizer que ter a mesma orientadora, para os dois casos, permitiu-me trazer uma continuidade maior entre estes dois momentos que são o Mestrado e o Doutorado. É também importante ressaltar que um pós-graduando não aprende apenas com o orientador, mas também com toda a rede de professores e pesquisadores com os quais convivemos. Assim, a continuidade de orientador entre os trabalhos de mestrado e doutorado também pode ser paralela a uma dinâmica considerável na qual você vai entrando em contato com novas influências, seja a partir de contatos pessoais, seja a partir dos livros que gradualmente o colocam em contato com novos autores. Os livros, certamente, também são nossos mestres.

(DSR) 11 – Após concluir seu doutorado, como foram suas experiências em ensino, pesquisa e extensão, e de que maneira você articulou sua formação em história e música?

(JAB) Bem antes de concluir o Doutorado, em 1999, eu já tinha experiência no ensino de graduação em Música, e também havia sido professor substituto na área de História. Prossegui no ensino na faculdade de Música e também fui atuar nos cursos de Graduação e Mestrado da USS, em Vassouras, universidade na qual atuei por cerca de dez anos. A articulação entre história e música prosseguiu, muito naturalmente. Mas também outras articulações, como as entre

História e as demais formas de arte, incluindo a pintura e o cinema – campos de expressão que sempre me interessaram.

(DSR) 12 – O que fez você estudar o campo da História? E como foi a mudança de objeto e período de pesquisa?

(JAB) Não foi propriamente uma mudança de objeto e período de pesquisa. Eu nunca me dediquei a um único objeto: sempre tive uma natureza polifônica (para utilizar uma metáfora da música). Interesse-me por várias coisas ao mesmo tempo, e me dedico a elas com igual paixão e interesse. Não sou do tipo “especialista”, que se dedica a um único objeto. A Teoria da História sempre me interessou, desde o princípio, ao lado de outras áreas. Com relação ao livro “O Campo da História”, eu o escrevi porque era um assunto da época, como ainda é hoje: a História tem sido partilhada em inúmeras modalidades, e isto faz parte da identidade dos historiadores nos dias de hoje. Há ainda algo mais. Muitos tratavam os campos históricos como compartimentos. Eu queria propor uma outra maneira de ver as coisas. Os campos históricos poderiam ser vistos como instâncias que entram em conexão nos momentos em que desenvolvemos uma pesquisa ou escrevemos sobre determinado assunto histórico. Meu objetivo foi estender um olhar complexo sobre a temática da multiplicação dos campos históricos na historiografia contemporânea.

(DSR) 13 – Por que você procurou estudar em seguida o projeto de pesquisa em História?

(JAB) Sobre o motivo de escrever esta obra, já lhe falei um pouco sobre isso anteriormente. Quando fiz Mestrado e Doutorado, havia um grande drama para mim e meus colegas de pós-graduação. Não tínhamos livros sobre Projeto de Pesquisa que fossem específicos para a área de História. Como lhe disse, uma característica minha é que procuro nunca esquecer o que um dia fui. Acho que um dos problemas em nossos meios acadêmicos é que boa parte das pessoas tem memória curta. Muita gente, quando se torna professor, esquece-se que um dia foi aluno. Quando entram para a universidade pública, se conseguem ultrapassar uma barreira que vai além da análise do mérito e que também inclui as articulações políticas, logo se esquecem que um dia foram professores nas universidades particulares, ou no ensino médio. De minha parte,

sempre me esforcei em não esquecer estas coisas. Quando tive maior clareza na área de Teoria e Metodologia, procurei devolver à comunidade acadêmica um pouco do que aprendi. Alguns me criticaram ou me desmotivaram na época, em relação a meus planos de escrever um livro sobre “Projeto de Pesquisa em História”. Mas depois tive a satisfação de receber agradecimentos das mais diversas faixas de alunos, da graduação à pós-graduação, e também de professores que trabalham com as áreas de Teoria e Metodologia. Em menos de cinco anos este livro atingiu a sétima edição, para você ter uma ideia de sua repercussão.

(DSR) 14 – Como o público leitor geral e especializado recebeu esses dois livros? Quais os comentários que foram feitos na imprensa e nas revistas especializadas?

(JAB) “O Campo da História” atingiu a sua segunda edição em cinco meses, e desde que foi lançado em 2004 já atingiu sua sétima edição. “O Projeto de Pesquisa em História”, desde que foi lançado em 2005, já atingiu a sétima edição, e tive a grata surpresa de perceber que foi bem recebido não apenas na área de história, mas também em outros campos das ciências sociais e humanas. Ambos receberam algumas resenhas, que posso agradecer pelo fato de terem sido bastante favoráveis.

(DSR) 15 – Como e por que você passou das questões metodológicas da pesquisa histórica, para o estudo das cidades e da construção social da cor?

(JAB) Como eu lhe disse anteriormente, não posso dizer bem que passei das questões metodológicas para estes estudos mais específicos, como se tratasse de uma nova fase. Gosto de pensar no meu trabalho ensaísta como uma polifonia de temas. A Teoria e Metodologia da História é sempre uma melodia que está presente, ou à qual volto constantemente. Mas diversos outros assuntos me interessam, e o estudo da “cidade”, como forma de organização social específica, e as questões de “identidade”, tal como as que discuto no livro *A Construção Social da Cor*, sempre foram assuntos de meu interesse.

(DSR) 16 – Quais os comentários que foram feitos a esses outros dois livros?

(JAB) “Cidade e História” é um livro que propõe ajudar a quem se inicia nos estudos de história urbana, ou nos estudos de cidade sob as perspectivas de outras áreas das ciências humanas. Não é um livro muito pretensioso, mas considero uma contribuição interessante o capítulo sobre as “imagens da cidade” nos diversos estudos urbanos. Este capítulo recebeu uma aceitação importante, como uma contribuição a ser considerada. Quanto a “Construção Social da Cor”, é um livro que levanta algumas polêmicas, pois trabalha com assuntos delicados como racismo e construção de identidades através da história. Os leitores especializados têm se dividido nas opiniões. Alguns elogiaram bastante, outros se incomodaram um pouco com a perspectiva proposta.

(DSR) 17 – O que o fez estudar a(s) Teoria(s) da história e como fez o planejamento de sua coleção? Qual a função da teoria para a pesquisa histórica? Para qual público foi voltada sua coleção?

(JAB) Pensei *Teoria da História* como um livro que buscasse suprir as demandas, nos cursos de graduação, para a disciplina que recebe este mesmo nome. Não esperava escrever quatro volumes (seis, segundo meu planejamento futuro, pois ainda pretendo completar a coleção com mais dois volumes). Ocorre que, já no primeiro volume, comecei a discutir no livro alguns conceitos importantes para a área como o que é Teoria, Metodologia, Escola Histórica, Paradigmas Historiográficos. Em seguida, me coloquei diante da tarefa de esclarecer alguns paradigmas historiográficos específicos, entre os quais o positivismo, o historicismo e o materialismo histórico. Isto acabou me ocupando com mais dois volumes. Mas então surgiu o problema que busquei resolver no quarto volume de uma maneira criativa. Os diversos pensamentos autorais – de historiadores, filósofos e outros pensadores – são sempre complexos, e dificilmente podem ser resumidos como pertencentes a um único paradigma. Daí surgiu o conceito de “acorde teórico”.

(DSR) 18 – Como você definiu o que é uma teoria da história? Que relações esta manteria com as ‘filosofias da história’, com a metodologia, a escrita da história e com a história da historiografia?

(JAB) Já no primeiro volume da coleção, procuro esclarecer que “teoria da história” é uma expressão polissêmica. Por um lado, é o

nome de uma disciplina, de uma área de estudos, que aliás está em estreito contato com a história da historiografia, pois se trata de um universo complexo e dinâmico para o qual os historiadores vão contribuindo ao longo de suas trajetórias intelectuais com novos conceitos. Por outro lado, a expressão “teoria da história” também se abre a outros sentidos mais específicos. Em um dos capítulos deste mesmo volume, procuro mostrar que as “teorias da história”, quando são consideradas como sinônimos de paradigmas historiográficos como o historicismo ou o materialismo histórico, situam-se em contraste com as “filosofias da história”. As primeiras são construções coletivas, e que se preocupam com as bases científicas da História como campo de saber. Já as segundas (as “filosofias da história”) costumam ser obras de autores específicos, geralmente filósofos, que estabelecem alguma especulação sobre os destinos ou finalidades da história como campo de acontecimentos.

(DSR) 19 – Como você procurou analisar o movimento das teorias da história na história da historiografia? Como as ‘escolas históricas’ se moveram no interior desses diálogos no século passado? Que conceitos foram importantes para você entender e analisar os debates?

(JAB) Com relação ao movimento das teorias da história na história da historiografia, procurei mostrar que diversas teorias da história começaram a surgir como alternativas para os historiadores profissionais, e que, sobretudo, essas teorias da história surgiram em determinado contexto e foram se adaptando a novos contextos. Procurei entremear um pouco de história da historiografia às minhas explicações sobre cada uma das teorias da história que esclareci nos volumes II e III da coleção. Quanto às “escolas históricas”, procurei mostrar no primeiro volume que esta expressão não implica, a cada um dos participantes da escola, uma adesão à mesma teoria da história. De modo diverso, as escolas históricas constituem grupamentos de historiadores unidos por certo programa em comum, por articulações específicas e por um trabalho coletivo que adquire alguma coerência no interior de certos meios de difusão, como as revistas históricas e os congressos. As Escolas Históricas serão objeto do quinto volume que tenho planejado para a coleção Teoria da História. Neste volume, procurarei retornar à definição de “escola histórica”, e estudar algumas escolas históricas dos séculos XX e XXI.

(DSR) 20 – Para terminar gostaria de lhe perguntar quais são seus projetos futuros?

(JAB) O projeto mais imediato é dar sequência à série Teoria da História em mais dois volumes. Mas acabo de lançar um livro sobre História da Música Brasileira (*Raízes da Música Brasileira*, pela Editora Hucitec), e já escrevi a sequência de dois outros volumes que futuramente serão publicados pela mesma editora. Esta também será uma série que planejo continuar escrevendo. Tenho muitos artigos publicados sobre História da Arte, e também é um projeto meu reuni-los em livro, assim como artigos relacionados a outras áreas temáticas. Certamente meu trabalho na área de Teoria e Metodologia também prosseguirá, e penso que uma série futura, depois da coleção *Teoria da História*, será uma coleção que levará o título de *Metodologia da História*. Também quero voltar a escrever um pouco de literatura, em algum momento, e o mesmo com relação à música.

NORMAS EDITORIAIS PARA OS COLABORADORES

Os artigos encaminhados para publicação deverão observar as seguintes especificações técnicas:

1. O artigo deverá ser inédito e possuir o máximo de 15 (quinze) laudas, incluindo apresentação do autor e sua qualificação logo abaixo do título, resumo e palavras-chave (em português e em inglês ou francês), apresentadas abaixo do resumo. As referências devem ser apresentadas no formato (AUTOR, data: página), e podem ser incluídas no texto notas explicativas e bibliografia ao final, de acordo com as regras da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). Ex: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

2. O artigo deverá ser enviado em arquivo eletrônico em uma via digitada em formato A4 (210 x 297mm), fonte Times New Roman, corpo 12 e espaçamento interlinear 1,5; em arquivo compatível com Microsoft Word 7.0, endereçado ao e-mail: revista.historiae@furg.br.

3. Os artigos deverão vir acompanhados, em anexo, de versão resumida do Currículo Lattes dos seus autores, com cerca de um parágrafo.

4. Os autores deverão informar seu endereço eletrônico e, se desejar, seu telefone para contato. Também deverão informar o endereço para envio de exemplar da revista, em caso de inclusão de trabalho.

5. Os artigos deverão ser enviados somente para o e-mail indicado.

6. Todos os artigos entregues dentro do prazo, com as especificações constantes nos itens 1, 2, 3, 4 e 5, serão encaminhados ao Corpo Editorial, que procederá à seleção, a qual abrangerá, dentre outros itens, a adequação do volume de artigos ao projeto técnico da revista. O Comitê Editorial Assessor colaborará no processo de apreciação de trabalhos.

7. As decisões do Corpo Editorial concernentes ao disposto no item anterior serão irrecorríveis.

8. Cada autor poderá incluir no máximo um artigo em cada uma das edições da Revista *Historiæ*.

9. Além de artigos, a *Historiæ* receberá também resenhas, que deverão seguir as mesmas determinações dos itens 1, 2, 3, 4 e 5, porém observado o limite de 8 laudas.

10. Os trabalhos que não atenderem a qualquer dos itens aqui estabelecidos não serão apreciados pelo Conselho Editorial.

11. A revista *Historiæ* será impressa e distribuída pela Editora da FURG e o seu intercâmbio será promovido pelo Núcleo de Informação e Documentação da FURG.

12. Os direitos autorais dos trabalhos publicados na revista *Historiæ* caberão à Editora da FURG.

13. Cada autor de artigo publicado na revista *Historiæ* receberá um exemplar da publicação.

14. A revista *Historiæ* também apresentará uma versão eletrônica, com conteúdo idêntico à versão impressa.

15. A entrega dos artigos será em fluxo contínuo e a inserção dos mesmos ficará a critério do Corpo Editorial.

16. Qualquer dúvida ou caso omissos referente à elaboração da revista *Historiæ* será dirimida pelo Corpo Editorial.

EDITORA E GRÁFICA DA FURG

Rua Luis Lorea, 261

www.vetorialnet.com.br/~editfurg/

editfurg@mikrus.com.br